

O Conceito de Representações da Nova História Política: Uma Análise dos Estudos de Missionários na África Meridional de Fins do Século XIX e Início do XX

Yuri Wicher Damasceno¹

RESUMO: Buscaremos mostrar como o conceito de representações, utilizado pela "Nova" História Política, pode ser utilizado na compreensão dos relatos de missionários protestantes da *Church Missionary Society*² que atuaram na região central da África durante o final do século XIX e início de século XX, quando estavam engajados em um projeto neocolonialista³. Para tanto, os trabalhos de Rodrigo Patto Sá Motta (1996), Peter Burke (1994), Roger Chartier (1976) e Dan Sperber (2001), são fundamentais para entendermos como os missionários vão se representar em seus trabalhos e como podemos perceber as estratégias políticas de afirmação de suas ideologias por meio de suas publicações.

Palavras-chave: representações; História Política; História da África; missionários.

The Concept of Representation in the New Political History for Analysis of Studies of Missionaries in Africa Southern End of the Century XIX and Early XX

ABSTRACT: We will seek to show how from the concept of representations used by the "new" political history can be used in understanding the reports of Protestant missionaries of the Church Missionary Society who worked in central Africa during the late nineteenth and early twentieth century, when were engaged in a neo-colonial project. To this end, the works of Rodrigo Sá Patto Motta, Peter Burke, Roger Chartier and Dan Sperber are fundamental to understanding how the missionaries will be represented in their work and how we perceive the political strategies of affirmation of their ideologies through their publications.

Keywords: representations; Political History; History of Africa; missionaries.

¹ Mestrando em História Política com enfoque em História da África pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp - Câmpus de Assis.

² É uma sociedade missionária fundada por membros da Igreja Anglicana em 1799 com objetivo de evangelização de locais onde o cristianismo estava pouco presente, como África e Oriente. A instituição continua atuando em diversos locais no mundo. Estas informações são apontadas segundo o website oficial da mesma. Doravante usaremos a sigla CMS.

³ Conceito do século XIX que se refere à busca da Inglaterra e de outros países europeus por novos mercados consumidores. Também na imposição de sua cultura e religião a povos que consideravam inferiores, para isso utilizando força militar e ocupação desses territórios numa espécie de novo colonialismo melhor apresentado na obra de John Mackenzie, "A partilha da África 1880-1900".

INTRODUÇÃO

Durante todo o século XIX os continentes africano e asiático tiveram uma experiência muito semelhante: era o novo colonialismo que partia das grandes potências europeias. Países como Inglaterra e França, por exemplo, figuraram como os grandes impulsionadores e executores de uma incursão nesses territórios de menor poderio econômico. O período que se estende até as primeiras décadas do século XX ficou marcado pela intensa exploração e obtenção de riquezas naturais por parte destes países europeus, além de uma exploração humana e de diversos processos de transculturação.

Dentro deste ambiente temos as missões e seus missionários que funcionaram como os principais atores dando a possibilidade de instalação e execução do plano colonialista, ou seja, foram os missionários em busca de uma regeneração da África com base na evangelização, que livraram os africanos da interpretação bíblica de que Cam, descendente amaldiçoado de Noé, teria sido o formador da população africana, a chamada “Maldição de Cam” (SANTOS, 2002, p.64). Foram esses missionários que levaram os ideais imperialistas adiante naquele continente.

A pesquisa executada mostrou-nos como as ações imperialistas que se deram no continente africano durante o século XIX foram colocadas nas publicações institucionais como forma de afirmação e divulgação dos trabalhos dos colonizadores nesses territórios. Selecionou-se, portanto, a *Church Missionary Society*, instituição inglesa que contava principalmente com membros da Igreja Anglicana que, em fins do século XIX, mais precisamente no ano de 1876, dá início ao projeto de evangelização da atual região de Uganda e auxiliase, com isso, no processo colonizador da Inglaterra frente à África.

A *Church Missionary Society* ultrapassou as barreiras do trabalho religioso e atuou politicamente para que a Inglaterra se afirmasse na figura dos missionários, sendo eles membros de uma nação intelectualmente “mais preparada” e que conduziria, de maneira efetiva, o território explorado, no caso Uganda, para a prosperidade. Se a África precisava de um plano de salvação do

legado bíblico “amaldiçoado” segundo o pensamento eurocêntrico, bem como a crença na influência da cor da pele branca para obtenção do status de “civilizados” que esteve presente em todo o século XIX, nada melhor do que associar o avanço intelectual dos ingleses com o avanço do cristianismo e atuação dos missionários. As publicações tinham o objetivo de contar os feitos desses homens e como os avanços estavam sendo feitos. Também, queria mostrar os outros povos que atrapalhavam a instituição do evangelho para aquele povo.

Essas publicações foram colocadas em diversos periódicos e distribuídas na Inglaterra como forma de mostrarem a eficiência de seus serviços, a incapacidade dos nativos de sozinhos alcançarem sucesso em empreitadas, bem como realizar o recrutamento de mais voluntários. A data limite do estudo, o ano de 1890, corresponde à morte do último integrante original da primeira geração enviada, Alexander Mackay.

Existem várias maneiras de explorar esses relatos, refletir sobre o conceito de representações e vinculá-las à área política, e é nesse sentido que se desenvolve este artigo. Rodrigo P. Sá Motta (1996) aponta o retorno às abordagens da história política que por muito tempo ficou vinculada aos *Annales*. Esta perspectiva ocorreu durante boa parte do século XX com uma história voltada para o viés econômico e social, mostrando ainda esse ressurgimento do político na historiografia fugindo da ideia do político factual, "positivista" que outrora ficaram marcados nos estudos da "velha história política". Segundo Motta esse reaparecimento está exposto em duas vertentes: a primeira que pensa em renovar os enfoques dentro dos objetos tradicionais da política como os movimentos sociais e organizações governamentais. Nesse processo, o uso da ciência política e da sociologia contribui para o estudo das práticas coletivas negando a tradição elitista. Já a segunda vertente se fixa na utilização de novos enfoques somados à exploração de novos objetos voltando-se para os conceitos de imaginário, cultura e simbologia. Este uso não se dá no nível da ciência e da ação informada, mas sim, no inconsciente das

representações e dos valores, temas os quais Roger Chartier (1990), Peter Burke (1994) e Dan Sperber (2001) vão explorar.

Os trabalhos produzidos pela CMS, dentro do contexto imperialista inglês na África, visam mostrar o cotidiano dos missionários sem dar voz aos nativos e demais povos que com eles conviveram no espaço de tempo dos fins do século XIX e início do XX. Como se trata de apresentar um trabalho missionário não há a voz da aceitação ou contradições em relação àqueles que figuravam como agentes da política imperialista inglesa, indo além da proposta de missão catequizadora para conquista de novos fiéis em territórios não cristianizados (MACKENZIE, 1994, p.37-45). Algumas abordagens como as católicas, das quais destacamos as obras produzidas por Dom Comboni, entendem que missionários católicos na região centro-africana, entre outros, foram tradicionais para muitos grupos missionários e também apareceram em obras patrocinadas pela própria instituição (CMS), tratando da violência do nativo, dos problemas com os mercadores islâmicos que há tanto tempo mantinham relações de poder na região, a evangelização em massa da população e os enfrentamentos das más condições de vida e da construção dos heróis europeus, que acabaram vangloriando as atividades realizadas por gerações e membros missionários na região meridional do continente africano.

Os argumentos utilizados pelos missionários figuraram não só na necessidade de salvação das maldições relacionadas religiosamente ao continente, como também falam da necessidade de se construir uma crença de fato, já que não consideravam crença religiosa aquela que diferisse do cristianismo. Ou seja, a cultura religiosa pagã, bem como as de demais povos contrários à catequização cristã eram marginalizadas e descartadas pelos missionários ingleses. Chegam a chamar o sucesso de suas empreitadas cristianizadoras de “um pulo do escuro”, ou seja, a saída de um ambiente de “ausências” na questão religiosa, para um período “iluminado” com a chegada da CMS.

DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES PARA O ESTUDO DE RELATOS MISSIONÁRIOS

Para compreendermos o conceito do qual o inconsciente das representações apresentado por Motta faz parte, temos que observar as teorias e métodos de autores como os já citados Peter Burke, Roger Chartier, Dan Sperber e Ciro Flamarion Cardoso que utilizaram em seus trabalhos o olhar a partir das representações, ou construíram teorias para que isto fosse possível.

Esses métodos foram analisados a partir do que foi empregado, portanto, por Roger Chartier em: “Uma Mudança de Perspectiva”, momento em que coloca a nova História Política em foco, possibilitando a emergência de conceitos que mudaram as possibilidades de análises de trabalhos literários, por exemplo. Peter Burke em “A Fabricação do Rei” trata da construção do soberano de forma a transformá-lo em alguém adorado, sem anacronismos, mas utilizando do método de construção de um mito ou soberania de alguém economicamente mais poderoso sob um menor. Podemos perceber em exemplos a seguir como o missionário foi apresentado nas publicações em função privilegiada. No viés metodológico, Dan Sperber trará os problemas e as perspectivas a partir da análise das representações para compreensão de determinado período e suas publicações, e, por fim, Ciro Flamarion Cardoso no seu trabalho “Narrativa, Sentido, História” mostrará como se trabalhar este conceito de representações a partir das narrativas, sendo que as obras da CMS estão nessa categoria.

Para Chartier, portanto, houve uma reformulação de várias propostas eminentemente estruturalistas de análise, nas quais os sujeitos acabam aparecendo como meros “suportes” das estruturas sociais (CHARTIER, 1990, p. 13-18), ou seja, antes dessas novas teorias a sociedade e seus membros eram meros coadjuvantes e contribuíam para o processo de estudo de algo amplo e generalizado e, nesse contexto, a história seria chamada a reformular seus objetos, referências e princípios de inteligibilidade (CHARTIER, 2002, p. 64). Essa nova vertente recusa o pressuposto de que os contrastes e as diferenças

culturais estejam forçosamente organizados em função de um recorte social previamente constituído. A sua nova abordagem centra-se na atenção sobre os empregos diferenciados, nos usos contrastantes dos mesmos bens, dos mesmos textos, das mesmas ideias. A representação, segundo ele, designa o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler por diferentes grupos sociais. As leituras dos diversos grupos sociais que tomavam conhecimento de Uganda por meio dos relatos missionários eram diferentes. O olhar dos missionários a respeito dos nativos e da leitura que fizeram daquela sociedade é também diferente da realizada pelos mulçumanos, por exemplo. A construção das identidades sociais seria o resultado de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear e a definição submetida ou resistente daquele que é nomeado e classificado têm de si próprio.

Desse modo vemos a interpretação da história da maneira como os indivíduos e a sociedade concebem (representam) a realidade e como essa concepção orienta suas práticas sociais, tomando como “noção” o relacionamento da imagem presente em objeto ausente. Assim, as práticas dos missionários estiveram diretamente ligadas à sua visão daquela sociedade. De fato os discursos historiográficos são determinados pelos interesses dos grupos dominantes. Se pensarmos que os missionários representavam-se como aqueles que salvariam os africanos da “maldição de Cam” (SANTOS, 2002, p.64), entende-se a interpretação bíblica que justificaria o atraso do continente e parte de um dos discursos utilizados para expor a necessidade do europeu de estar presente dentro de diversos territórios para, assim, contribuir, a partir do contato entre povos, com o aparecimento da “civilização” naqueles espaços. (FERES JR; JASMIN 2007, p.126)

Peter Burke destaca o papel ativo da imaginação na produção historiográfica. Em seu trabalho descreve como o rei contribuía para a criação de uma imagem ideal de si mesmo e como ela ajudava a manter o poder da monarquia. Além de representar a si mesmo, o rei era representado em muitas esculturas e pinturas. Os missionários da CMS também acabam por se auto

promover mostrando a melhor imagem de si mesmos. Isto fica claro quando se utilizam da crítica de tudo aquilo que é diferente de seus valores e comportamentos idealizados que levariam os africanos a salvação. Podemos ver exemplos desse discurso em trechos como *O sucesso dos árabes na região vai se dar por eles passarem por fogo e água, exporem a si mesmos a inúmeros perigos em função do marfim e dos escravos.* (HARRISON, A. 1890, p. 451)

Se pesarmos que boa parte da população nativa tinha afinidades com o islamismo devido a ocupação histórica no território, já que muito antes da chegada dos cristãos a região era conhecida pelo intenso comércio de produtos como marfim e pedras preciosas, assim como o comércio de escravos, vemos que este comércio costumava ser controlado pelos mulçumanos. Não só o comércio tinha ligações com a cultura local, mas também a religião que agregava grande número de seguidores. Criticar e condenar os comportamentos desta cultura era mostrar o que era correto e o que deveria ser abolido pelos nativos, ou seja, para se afirmarem como modo de vida a ser seguido os missionários tinham que apontar seu oposto. Neste sentido, o nativo e seus costumes também eram apontados e nas produções da CMS apareceram como “selvagens violentos” e prontos para atacarem os missionários que ali estavam. Este tipo de descrição era comum, segundo Mary Louise Pratt (1999), e fez parte de uma linha de publicações clássicas feitas por instituições imperialistas visando a afirmação e necessidade de “civilização”, sobretudo para os lugares de países que não compartilhavam os costumes europeus. Portanto, era interessante aos membros da sociedade missionária representarem sua eficiência e dificuldade de trabalho em uma área com tantos problemas e não só a si mesmos mas também o outro. Vide outro exemplo de tentativa de demonstrar a superioridade do missionário com relação ao nativo:

Ele era do mundo civilizado, e por muitos anos proibido de ir mais do que uma distância muito pequena das missões locais, e até mesmo durante a sua vida, no extremo sul do Victoria, confinado, pelas necessidades de suas obras e os ciúmes de chefes rivais... (HARRISON, 1890, p. 445)

Ainda no sentido de trabalhar com as representações Dan Sperber traçou um estudo dialogando sobre os problemas e as perspectivas a partir deste conceito, como podemos observar no excerto a seguir:

Toda a representação coloca em jogo uma relação entre, no mínimo, três termos: a própria representação, seu conteúdo e um usuário. Três termos aos quais pode-se acrescentar um quarto: o produtor da representação, quando é distinto do usuário. Uma representação pode existir no interior do usuário: trata-se de uma representação mental. Uma representação pode também existir no meio ambiente do usuário, como por exemplo, o texto que está sob seus olhos: trata-se de uma representação pública, que é geralmente um meio de comunicação entre o produtor e um usuário distintos entre si. (SPERBER, 2001, p. 91)

Se pensarmos na qualidade do texto produzido pelos missionários, observaremos que se trata de uma representação pública que tem como objetivo mostrar não só na Europa uma propaganda de seus feitos, como também nas regiões em que atuavam. Esses relatos em periódicos anunciavam os feitos da CMS. Temos exemplos desses jornais que eram publicados na Inglaterra e em outras localidades onde esta nação se fazia presente como o Evening Post, Daily Mail, Colonist, dentre outros⁴.

O autor acredita que algumas interpretações não plausíveis podem claramente criar mais problemas do que resolver as questões que estão se buscando no desenvolvimento de uma pesquisa com este tipo de documentação. Ele demonstra o problema existente nas representações culturais, descrevendo a atenção necessária para que as informações adquiridas sejam menos gerais e especulativas para que fiquem mais fiéis a síntese, já que, segundo ele, qualquer trabalho sobre representação cultural é, em grande parte, interpretativo e toda interpretação é produto de um trabalho essencialmente intuitivo do intérprete e obedece a um critério, cujas implicações variam segundo o ponto de vista: “É quando se interpreta uma representação atribuída a um grupo social inteiro que a ausência de uma metodologia da interpretação torna

⁴ Alguns destes periódicos encontram-se disponíveis e digitalizados através do site: paperpast.natlib.govt.nz.

difícil a avaliação e, assim, a exploração dos materiais.” (SPERBER, 2001, p. 94)

Estas reflexões sobre o uso das representações na metodologia nos ajudam a interpretar mais claramente as intenções do grupo religioso em seus documentos que tinham por base a divulgação do trabalho missionário. Entendemos que a partir delas é possível estabelecer uma intersecção entre as informações e argumentações encontradas nos textos dos missionários e nas demais análises desenvolvidas por estudiosos que já se dedicaram às missões no território africano e compreender a construção da imagem da África, mais especificamente a região de Uganda, a partir dessas observações. Como mencionado anteriormente, é necessário uma atenção especial do intérprete e a intuição questionadora do que está no papel e do que realmente aconteceu. Naquele contexto e em demais, historicamente, grupos economicamente superiores se sobrepuseram a outros menos favorecidos, como no caso das missões europeias atuantes no século XIX em África e, por isso, apontavam seus feitos nos livros a partir de sua visão.

Aproximações e distanciamentos presentes nas obras como *The Wonderful History of Uganda*, por exemplo, com trabalhos como de Kefa M. Otiso (2006) são importantes no sentido de trazer melhor entendimento sobre costumes e a cultura regional apontando as tradições seculares das quais o Islão terá um importante papel no contexto de Uganda. Patrícia Teixeira Santos (2002) que trabalhou com missões católicas na região fronteira entre Uganda e o Sudão observou que havia distinções no processo missionário dos diversos grupos europeus como missões francesa, italiana e inglesa, observando que no caso a figura missionária passou a ter um papel gradativo e eficaz auxiliando fortemente o domínio da região que acaba por se tornar protetorado inglês. Santos enfatiza as abordagens de cunho político, econômico e social que se deram no decorrer da expansão imperialista inglesa na África do século XIX como um todo.

É interessante pensar que para os historiadores culturais que trabalham com as representações, a homogeneização da cultura tende a ser evitada por

meio do estudo de tradições aqui entendidas como conhecimentos ligados a uma geração. Neste sentido, evita-se trabalhar com o conceito de “era uma vez”, já que uma mesma época comporta as mais variadas tradições. Se observarmos o espaço em discussão percebemos a presença das mais variadas tradições, seja a islâmica já mencionada ou a pagã dos nativos que possuíam também suas particularidades e seus cultos que foram desprezados ou condenados nos escritos missionários dos membros da CMS. Essas tradições foram melhor exploradas na coleção lançada em 2010 pela UNESCO tratando da História Geral da África, volumes VI e VII, que não serão exploradas neste texto.

CONCLUSÃO

Dentro, portanto, da utilização deste conceito de representações de um grupo sobre ele mesmo, para observarmos as relações políticas com os demais grupos e o convencimento e dominação de um sobre o outro conseguimos perceber que de fato os ingleses e demais europeus, de modo geral, se sobrepuseram aos povos nativos e demais que ali conviviam a partir do estabelecimento do protetorado inglês em Uganda no ano de 1894, mas que os estudos sobre as resistências a este processo tem que observar silêncios e contradições, uma vez que as obras de divulgação evidenciavam ações de sucesso no processo de conversão. A leitura de obras para contrapor este processo nos ajudará a entender melhor as dinâmicas envolvidas na ação missionária inglesa em Uganda. Por se tratar de um estudo com algumas visões já construídas com relação ao imperialismo ou neocolonialismo do século XIX podemos intuitivamente nos posicionar de maneira mais clara e efetiva nas ações hegemônicas e contra hegemônicas na região de Uganda.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. *A Fabricação do Rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 61-80.

CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Trad. Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1976.

FERES JÚNIOR, João (org.); JASMIN, Marcelo. *História dos Conceitos: diálogos transatlânticos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Loyola: IUPERJ, 2007.

HARRISON, A.M. *A. M. Mackay: Pioneer Missionary of the Church Missionary Society to Uganda*. Hodder & Stoughton, Londres, 1890.

JODELET, Denise (organizadora); ULUP, Lilian (tradutora). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MACKENZIE, J.M. *A partilha da África 1880-1900 e o imperialismo europeu no século XIX*. São Paulo, Editora Ática S/A, 1994.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política. LPH: *Revista de História*, Ouro Preto: UFOP, n. 6, p. 92-100, 1996.

OTISO, Kefa M. *Culture and Customs of Uganda*. Westport, Greenwood Press. 2006.

SANTOS, Patrícia Teixeira. *Dom Comboni: profeta da África e santo no Brasil*. Rio de Janeiro. Mauad, 2002.